

O LIBERALISMO MORENO NA SOCIEDADE BRASILEIRA E SUA INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO DO BRÁS CUBAS DE MACHADO DE ASSIS

Marília Segui Lobato, Márcia Guina Ferreira, Laércio da Silva Dias, Rodrigo Eugênio Gonçalves, Paulo César Alberto Veríssimo, Professor Dr. Antonio Carlos Machado Guimarães, Professor Msc. Luiz Carlos de Andrade de Aquino, Professor Dr. Maurício Martins Alves

Universidade do Vale do Paraíba / Faculdade de Direito, Campus Centro – São José dos Campos Pç. Cândido Dias Castejón, 116 – Centro CEP: 12245-720 – São José dos Campos - SP, marilia.segui@hotmail.com

Palavras-chave: Liberalismo, Padrão de Comportamento, Brás Cubas, Escravidão
Área do Conhecimento: História, Sociologia, Literatura

Resumo: O objetivo deste artigo é usar como base o romance de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e pontuar padrões de comportamento da sociedade brasileira do século XIX. Teve-se como enfoque principal, através da narração cínica e debochada de Brás Cubas autor defunto, a análise de Brás Cubas vivo, personagem típico da sociedade brasileira da época, sofrendo influências de um liberalismo “de fachada”, da incoerência religiosa e da escravidão como mola propulsora das relações econômicas, e assim, demonstrar que essas influências moldaram suas atitudes e corroboraram sua postura.

Introdução

O artigo pretende, a partir da análise do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, demonstrar o contraste entre o liberalismo europeu, com fundamentos no trabalho livre, assalariado, na representatividade política e o liberalismo brasileiro, “moreno”, “de fachada”, baseado na mão-de-obra escrava e na monarquia constitucional — contexto em que se encontrava inserido o personagem Brás Cubas.

Distinguir o narrador defunto Brás Cubas com sua narrativa crítica, cínica e mordaz — por suas próprias palavras: “*primeiro é que não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo*”¹ —, liberto das amarras sociais e Brás Cubas, personagem vivo.

Analisar as características desse personagem, identificando-as às idéias liberais importadas da Europa em contraponto ao ideal liberal brasileiro e sua sociedade colonial do século XIX, sob influência de uma herança portuguesa, católica, de família patriarcal, personalista, de uma ética aventureira, que valorizava o ócio em detrimento ao trabalho, demonstrando uma grande contradição entre a postura ética ideal e a ética real, o viver de “aparências”.

Demonstrar que tais características — a partir do conceito do Durkheim sobre fato social, “*toda maneira de fazer, fixada ou não, que é geral no conjunto de cada sociedade, tendo, ao mesmo tempo existência própria, independente de suas*

manifestações individuais” — representavam um padrão de comportamento típico e esperado naquela sociedade e Brás Cubas vivo, em oposição ao narrador defunto, reproduzia esse padrão.

Buscar na análise de obras e conceitos de Sérgio Buarque de Holanda, Roberto Schwarz, entre outros, evidências das contradições da importação da ideologia liberal para um Estado em formação brasileiro.

Importante salientar a forma brilhante que Machado de Assis, pela boca de seu narrador defunto Brás Cubas, pôs à mostra as entranhas e máscaras de uma sociedade.

Materiais e Métodos

Num primeiro momento, a distinção entre os personagens, o vivo e o morto, como o próprio Brás Cubas apontou ser, se fez necessária para o uso diferenciado de métodos de análise.

Resultados

A formação escolar e acadêmica de Brás Cubas foi um capítulo à parte de sua educação como cidadão e homem. Sua displicente formação acadêmica foi em Portugal, na Universidade de Coimbra, um retorno à origem da colonização brasileira e conseqüentemente ao padrão estabelecido no Brasil de importação de ideologias.

O Brasil carecia de identidade própria. Os filhos da elite dominadora tradicionalmente dirigiam-se a Portugal em busca da valorização de um status, “*... uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior...*”; do aprendizado, “*romantismo*

¹ (ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 1992, Capítulo I, 18p.)

prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas...”, em detrimento do conhecimento e sua aplicação, “... No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência em que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso...”²

Clara essa repetição de comportamento em diversas passagens do romance, em especial naquela em que seu pai o orienta a traçar os caminhos costumeiros da sociedade: “... Olha, que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens. Não estragues as vantagens da tua posição, os teus meios...”³ Esse comportamento era baseado na expectativa de que somente os que tinham dinheiro, fossem do meio político, não trabalhador, carregando um diploma ou um anel e, autodenominados católicos, poderiam fazer parte da elite de prestígio.

A questão da desvalorização do trabalho pode ser retratada em Brás Cubas, nas ocasiões em que se propôs a “trabalhar” e almejou cargos públicos, que lhe possibilitavam desfrutar de certa ociosidade. No último capítulo do romance, na fala típica do narrador defunto, o irônico orgulho ao ócio: “coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto”⁴

A inconsistência religiosa era marcante em sua criação. Brás relata sobre seu tio cônego: “Não era homem que visse a parte substancial da igreja, via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões, vinha antes da sacristia que o altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos.”⁵

Brás Cubas tinha posturas passíveis de crítica como na idéia do emplasto: “o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressos em jornais... três palavras, emplasto Brás Cubas. Pra que negá-lo, eu tinha a paixão do arruído, do cartaz do foguete de lágrimas...”⁶, mas desde cedo isso lhe foi inculcido constantemente, fosse pela sociedade, fosse pela figura de seu pai: “perguntava a todos se eu parecia com ele, se era inteligente, bonito...[...][...]: “contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro e triste, não gastei dinheiro, cuidados, empenhos para não te ver

brilhar, como deves, e te convém, e a todos nós, é preciso continuar o nosso nome, continuá-lo e ilustrá-lo ainda mais”⁷.

A distinção entre o personagem vivo e o autor defunto fica patente com a leitura do seguinte trecho: “Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças, obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz a consciência... Mas na morte, que diferença! Que desabafo! Que liberdade!”⁸

A liberdade experimentada é a do poder de coação de uma sociedade; da coercitividade preconizada por Durkheim. É ela que o permite utilizar de fina ironia e crítica ao personagem: “Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo um fiel compêndio de trivialidade e presunção”, “Talvez espante ao leitor a fraqueza com que lhe exponho e realço minha mediocridade, advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto”⁹.

Discussão

A discussão norteou-se pelo entendimento e confirmação da teoria de Roberto Schwarz de ser a sociedade colonial brasileira, do século XIX, liberal “de fachada”, e que a inserção do nosso personagem, Brás Cubas “vivo”, nesse contexto corroborou seu comportamento.

Para melhor entender essa sociedade é necessário um retorno à história do liberalismo, em especial no tocante à relação de trabalho, no seu berço: a Europa.

Com o declínio do feudalismo e o início do processo de industrialização, o trabalhador é alijado dos meios de produção — que ficam concentrados nas mãos de poucos. A metrópole, na busca de ampliação do mercado e lucros, exige uma produção em maior quantidade, velocidade e custos baixos. Ao indivíduo não restou alternativa senão vender sua força de trabalho.

Se no período anterior produzia para subsistência, após, passa a receber um mísero salário, suficiente para a manutenção básica de sua vida e de sua família e, principalmente, continuar a produzir.

Segundo Cristina Costa: “O princípio da representatividade, base do liberalismo, criou a idéia de Estado como órgão político imparcial, capaz de representar toda sociedade e dirigi-lo pelo poder delegado pelos indivíduos. Marx

² ASSIS, Machado de. (Memórias Póstumas de Brás Cubas. 1992, Capítulo XX, 56p.)

³ ASSIS, Machado de. (Memórias Póstumas de Brás Cubas. 1992, Capítulo XXVIII, 67p.)

⁴ ASSIS, Machado de. (Memórias Póstumas de Brás Cubas. 1992, Capítulo CLX, 193p.)

⁵ ASSIS, Machado de. (Memórias Póstumas de Brás Cubas. 1992, Capítulo XI, 38p.)

⁶ ASSIS, Machado de. (Memórias Póstumas de Brás Cubas. 1992, Capítulo II, 20p.)

⁷ ASSIS, Machado de. (Memórias Póstumas de Brás Cubas. 1992, Capítulo IX, 35p., 67p.)

⁸ ASSIS, Machado de. (Memórias Póstumas de Brás Cubas. 1992, Capítulo XXIV, 62p.)

⁹ ASSIS, Machado de. (Memórias Póstumas de Brás Cubas. 1992, Capítulo XXIV, 62p.)

mostrou, entretanto que na sociedade de classes esse Estado representa apenas a classe dominante e age conforme o interessa desta.”¹⁰

Brás Cubas personagem fazia parte de uma sociedade escravocrata, como podemos observar nessa passagem: “Prudêncio, um moleque de casa, era meu cavalo de todos os dias...”¹¹, dependente economicamente de uma metrópole que comprava os produtos coloniais e os comercializava na Europa, principalmente na Inglaterra — berço das idéias liberais e iluministas — e detentora de alta lucratividade com tráfico negreiro. Segundo Brasília Sallum, comentando sobre a obra Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda: “o impulso aventureiro só pôde materializar-se em sistema predatório de exploração agrária porque houve a possibilidade de importar negros como escravos em grandes quantidades e havia na colônia abundância de terras férteis e ainda não desbravadas”¹²

Mas é necessário pontuar que o Brasil convivia com idéias postças de uma Europa que visava somente o próprio benefício, o que ficou claro com o posterior fim da escravidão. Para Sérgio Buarque de Holanda, o grande divisor de épocas no Brasil aconteceu com a abolição. A Inglaterra — como já exposto — exigia produção mais veloz de matéria-prima, alimentos em grande quantidade, mercado consumidor para suas manufaturas e somente a geração de trabalho livre alcançaria suas pretensões, além da gritante incoerência: a Inglaterra hastear a bandeira da liberdade e possuir parceiro comercial cuja ideologia seguia rumo oposto.

Quem explica melhor as idéias postças é Roberto Schwarz em seu livro As Idéias Fora de Lugar: “Além do que havíamos feito uma independência há pouco, em nome de idéias francesas, inglesas e americanas, variadamente liberais, que assim faziam parte da nossa identidade nacional. Por outro lado, com igual fatalidade, este conjunto ideológico iria chocar-se contra a escravidão e seus defensores, e o que é mais, viver com eles”¹³.

Na medida em que o processo de transição destes sistemas de produção no Brasil não se deu da mesma forma e sob as mesmas nuances da Europa, podemos concluir que de fato o que houve no Brasil foi a instauração de um liberalismo “de fachada”.

Diferente do ocorrido na Europa com a introdução e valorização do trabalho livre, no Brasil prevaleceu a mentalidade colonial portuguesa, conforme tecido por Sérgio Buarque de Holanda: “Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia.[...] [...] de que o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é em si, menos valiosa que a contemplação e o amor”, revela ainda o espírito aventureiro dos colonizadores, “o que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho”¹⁴.

Há que se destacar ainda o processo de valorização de atividades intelectuais em contraposição ao trabalho braçal, ou aquele que exigisse qualquer esforço físico, retratado no romance pela vergonha demonstrada por Brás Cubas personagem em ter um tanoeiro de ofício como fundador de sua família, e que por ela foi renegado, levando à modificação da origem do seu nome, atribuindo-o à origem nobre.

Resta claro, que tal postura de valorização era condicionada a um “prestígio” dado pela sociedade, “símbolos materiais de ocupações intelectuais, como o anel de doutor ou a carta de bacharel passaram a ser sucedâneos de títulos de nobreza, pertinentes em outras épocas a homens nobres e livres.”¹⁵. Brás Cubas personagem teve acesso à educação, à cultura, à filosofia, privilégios de poucos, mas sempre superficialmente, para mostrar sua pseudo-inteligência, reproduzindo o padrão de comportamento de uma sociedade que vivia de aparências.

Em outra obra de Machado de Assis, o conto A Teoria do Medalhão, é flagrante o reforço da idéia de que mais importante, valorizado, “prestigiado” pela sociedade é o parecer, não importando o que se é: “Mas, qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum”, “Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil”¹⁶.

¹⁰ COSTA, Cristina. (Karl Marx e a história da exploração, 1977, Capítulo 7, pp.83-99)

¹¹ ASSIS, Machado de. (Memórias Póstumas de Brás Cubas. 1992, Capítulo XI, 36 p)

¹² SALLUM JR, Brasília. (Sérgio Buarque de Holanda – Raízes do Brasil. IN: Introdução ao Brasil – um banquete no trópico, 2001 pp235-256.)

¹³ SCHWARZ, Roberto. (As Idéias fora do lugar In.: Ao vendedor as batatas, 2000 pp.9-31)

¹⁴ SALLUM JR, Brasília. (Sérgio Buarque de Holanda – Raízes do Brasil. IN: Introdução ao Brasil – um banquete no trópico, 2001 pp235-256.)

¹⁵ SALLUM JR, Brasília. (Sérgio Buarque de Holanda – Raízes do Brasil. IN: Introdução ao Brasil – um banquete no trópico, 2001 pp235-256.)

¹⁶ ASSIS, Machado de. (Teoria do Medalhão

Inserido nesse contexto, Brás Cubas personagem vivo, recebe a carga dos padrões comportamentais estabelecidos por aquela sociedade, acima expostos, e identificados por Durkheim, através das características dos fatos sociais: coercitividade, generalidade e exterioridade.

Em duas passagens do romance verifica-se o quão forte é poder do costume, na primeira, Brás Cubas presencia a cena em que Prudêncio, seu ex-escravo, então alforriado, chibata outro negro, agora escravo seu. Na segunda, o próprio Brás Cubas sucumbe a eles: *“e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro e feito de relações”*¹⁷.

Conclusão

O objetivo foi, através da visão de uma sociedade e suas características, especialmente no tocante aos aspectos sócio-econômicos, reconhecer o comportamento determinado por ela e entender seu reflexo em Brás Cubas, personagem de um momento histórico: o Brasil colônia do século XIX.

Esclarecer duas distinções, a primeira entre o liberalismo europeu e o nosso liberalismo moreno, a segunda, entre Brás Cubas personagem vivo e Brás Cubas autor defunto.

Finalmente, ratificar que o aspecto sócio-econômico foi determinante para o comportamento de Brás Cubas personagem. Sua realidade era o da exploração do trabalho escravo, sua sociedade era de aparências, que valorizava mais o ócio ao trabalho, prezava a formação, não pelo conteúdo, mas pelo alcance de um prestígio necessário para a satisfação de expectativas.

Brás Cubas personagem reproduziu este comportamento, Brás Cubas narrador, ironizou e criticou.

Referências

GALLIANO, Alfredo Guilherme.
Introdução à Sociologia, 1931

SCHWARZ, Roberto. As Idéias Fora de Lugar, 5ª ed.
São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000

SCHWARZ, Roberto, Uma Desfaçatez de Classe,
4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000

ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás
Cubas, 3ª ed. São Paulo: Coleção grandes leituras,
Editora FTD, 1992

http://pt.wikisource.org/wiki/Teoria_do_medalh%C3%A3o.

Acesso em 10 de jun 2008)

¹⁷ ASSIS, Machado de. (Memórias Póstumas de Brás Cubas.
1992, Capítulo CXXIII, 165 p)